

# Mocidade Cristã

Ano XV

Outubro a Dezembro de 1953

Número 61

## Equidistantismo

Crentes e congregações há que adotam a atitude denominada «equidistante» como refúgio à dificuldade que enfrentam em escolher entre o modernismo e o fundamentalismo. Parece-lhe pôrto seguro contra os ventos de doutrinas que sopram em diversas direções. «Equidistantismo» era a religião de Gamaliel quando não queria tomar qualquer lado definitivo com respeito aos apóstolos. Há muitos crentes também que são semelhantes ao dono duma casa que ficou perturbado durante a noite porque seu cachorro latia continuamente, sabendo que os ladrões iam roubar a casa. O dono deu um tiro em seu fiel amigo — o cão, e então a família dormiu em paz. Ficou perturbada, porém, quando se levantou e deu pela falta de seu dinheiro e outras boas coisas.

Aquêles irmãos que criticam os críticos da Bíblia são chamados «cata-hereges». Os modernistas são muito sensíveis à crítica; consideram-se com direito de criticar a Palavra de Deus, mas eles mesmos não devem ter suas palavras criticadas.

O Modernismo e a crítica da Palavra de Deus têm causado o naufrágio de milhares de almas, mas os homens que propagam suas teorias falsas acham que não devem ser criticados.

Há poucos anos um navio inglês viajava perto da costa de Portugal e o capitão calculou a direção e mandou seu oficial dirigir o navio de acordo, e então foi dormir. O oficial, fazendo um cálculo a fim de

confirmar a direção ensinada pelo seu chefe, descobriu que havia um pequeno erro, e se seguisse o rumo marcado, o navio iria de encontro às rochas da costa. Foi chamar o capitão, mas este confirmou seu primeiro cálculo, e mandou o oficial continuar no mesmo rumo. Mas o oficial ficou ansioso e calculando de novo ficou certo no erro e chamou o capitão outra vez. Seu chefe, porém, recusou comparecer e, zangado, mandou seu tenente continuar como ordenara. Foi dormir, mas de repente foi acordado com o barulho terrível de seu navio nas rochas — um naufrágio.

Há muitos anos encontrámos em Portugal missionários da América do Norte, que aprendiam a língua portuguesa, antes de embarcar para Angola (colônia portuguesa) como «enviados» aos africanos. Eram modernistas. Não criam na Bíblia, nem nas verdades fundamentais nem em conversão. Um deles, porém, depois de conversar com crentes, foi convencido que ele precisava converter-se. Resolveu voltar à América, e no navio ficou muito ansioso com respeito à sua alma. Quando procuramos mostrar-lhe o caminho da salvação, segundo a Palavra de Deus, ele exclamou: «Oh, aquele maldito seminário que naufragou a minha fé na Bíblia!»

Mas, primeiramente, queremos dizer uma palavra aos «equidistantistas». Quando se trata dos princípios, não há uma «via média». O resultado de procurar tal caminho será um desvio ou desastre. Faz-nos lembrar duma história dum rapaz que andava de bicicleta. Chegando a uma ladei-



ra íngreme, preparou-se para descer; observou então duas luzes subindo na estrada, que tomou por duas bicicletas. Tocou sua campainha como sinal, para que os ciclistas ficassem um atrás do outro, deixando passagem, mas sem resultado. Resolveu então andar equidistante, passando entre os dois ciclistas. Tirou o freio e deixou sua máquina descer com velocidade. Descobriu, porém, tarde demais, que as duas luzes estavam a cada lado duma carroça que subia a estrada. Quando saiu do hospital, converteu-se do seu equidistantismo!

Se os leitores querem saber onde termina a estrada de «laissez faire» (ou frouxidão), devem ler o folheto «A MALDIÇÃO DO MODERNISMO». É uma terrível revelação da sorte dos batistas na América do Norte. Ali os congregacionais, metodistas e presbiterianos estão chegando ao mesmo destino, e muitos já chegaram.

No Brasil o arsênico do modernismo agora está sendo administrado no pão espiritual em doses homeopáticas. Era assim em tempos passados nos «países protestantes». Quando a dose ficou mais forte o povo fugiu das igrejas. Por que assistir a pregações baseadas num livro que os pregadores diziam ser fábulas, romances e falsificações?

Há crentes que desejam um avivamento. Ninguém jamais ouviu de avivamento onde as Escrituras não são reverenciadas como a Palavra de Deus. Um avivamento é a operação do Espírito Santo, que inspirou as Escrituras. Será possível que Ele opere poderosamente onde a Sua inspiração é negada? Alguém que tem lido dos vários avivamentos na história da Igreja, pode verificar o fato que todos foram baseados na Palavra de Deus crida, respeitada e reverenciada.

Spurgeon disse que observava mui-

tas grandes obras edificadas pela FÉ, mas a dúvida nunca edificara nada de valor. O grande pregador acrescentou que os homens falavam de «dúvidas honestas». Ninguém pensa em falar de «fé honesta» porque a fé não precisa tal qualificação, mas «dúvidas» precisam de uma capa para cobrir sua nudez e vergonha.

Um escritor disse: «As palavras e obras de Deus não estão em conflito. Os fatos mais recentes descobertos pela ciência, provam que Moisés sob a direção do Espírito de Deus usara palavras de significação que ele mesmo não entendia, porque eram tão elásticas que podiam expandir-se para abranger as exigências da ciência moderna, mas tão simples que serviam para sua própria idade.»

W. Anglin

5.º

## Oração

Muitos crentes fazem oração sem distinguir as Pessoas da Trindade. Para eles Deus o Pai e o Filho são o mesmo. Isto é consequência da falta de inteligência acerca dos atributos do Senhor Jesus e de Deus o Pai. Mas por que os oradores não são conscientes da diferença, como a criança na família sabe discernir entre pai e mãe? Não ouvimos, por exemplo, um filhinho dizer: «O' mamãe, hoje quero ajudar o senhor na roça», ou uma menina dizer: «O' papai, vou ajudar a senhora na cozinha». Mas, em nossas reuniões de oração, ouvimos semelhantes erros dirigidos às Pessoas da divindade. É comum ouvir, por exemplo: «O' Deus nosso Pai, pedimos-Te, Senhor, que nos abençoes...» Assim, Pai e Filho são confundidos. «Senhor» é título do Filho e nunca, no Novo Testamento, se emprega com relação ao Pai. Esta



confusão em orações públicas é o resultado da mesma falta na oração particular, mas é mais grave numa reunião de oração, porque confunde os ouvintes que querem seguir a oração inteligentemente.

Desejamos dirigir umas palavras à mocidade cristã sobre este assunto, afim de evitar erros. Em primeiro lugar, não convém criticar irmãos velhos que estão acostumados, toda a vida, a usar o título «Senhor» indiscriminadamente, porque é quase impossível corrigir velhos costumes. Mas nossos jovens irmãos devem principiar bem e ser bons exemplos neste particular. Queremos mostrar o melhor modo de evitar a confusão tão comum em outros irmãos.

No Velho Testamento há diversos títulos de Deus. No capítulo primeiro de Gênesis, Deus é chamado ELOHIM (e mais 2.500 vezes no Velho Testamento). É plural de ELOÁ, mas está ligado a um verbo no singular e indica que há mais de uma Pessoa, como no versículo 26.

No capítulo 2, quando o homem é criado, Deus é chamado JEová; esse título está especialmente ligado aos israelitas, porque é o nome de Deus em relação ao Seu povo. Aparece 7.000 vezes no Velho Testamento, mas na versão de Almeida é traduzido por «SENHOR». Há vários outros títulos, mas são sempre escolhidos pelo Espírito Santo apropriadamente e não indiscriminadamente. No Novo Testamento é traduzido no grego «KURIOS», que em português é «Senhor». No Cristianismo Deus é revelado como Pai, Filho e Espírito Santo. Não somos ensinados a orar ao Espírito Santo, porque Ele habita nos crentes para ensiná-los a dirigir suas orações e adoração ao Pai e ao Filho. Nossas petições nas reuniões e em particular são dirigidas ao Pai em nome de Jesus. Como já disse-

mos, o Pai não é chamado «Senhor» no Novo Testamento.

Devemos orar ao Senhor também, mas precisamos considerar: «Quando é mais apropriado dirigir nossas orações a Cristo?» Há três fases em nossa vida, ao menos, quando convém falar ao Senhor.

(1) Em nosso serviço evangelístico. O Senhor mandou Seus discípulos ir a todo o mundo para pregar o Evangelho, prometendo estar com eles todo dia até o fim. Ele é Mestre do servo para dirigir o serviço com poder. É também, o constante Companheiro do servo, que anda em comunhão com Ele. Devemos ligar nosso serviço com o Senhor, discutindo com Ele todos os passos, todas as dificuldades, todos os sucessos, e relatando-Lhe todas as pessoas que queremos ganhar para Ele. Não podemos imaginar dois companheiros que andam juntos, todo o dia, sem um se comunicar com o outro.

(2) Na SANTA CEIA. As ações de graças devem ser dirigidas ao Senhor. Ele é o Hospedeiro, que nos convida, Ele é Presidente da Sua Mesa. É Ele de quem nos lembramos. A Ceia é a «Ceia do Senhor». A Mesa é a «Mesa do Senhor» (não do Pai como dizem muitos que dirigem as ações de graças ao Pai!). Nossos pensamentos são dirigidos à Sua Pessoa, Seu amor, Sua paixão, Seu grande sacrifício, Sua cruz e Seu sangue. É grande falta de inteligência dirigir as ações de graças a Ele de segunda mão, por meio do Pai no Céu, colocando assim Aquêle que preside à mesa a uma grande distância nos pensamentos dos participantes.

(3) Em comunhão diária. 1 João 1:3 diz que nossa comunhão é com o Pai e o Filho. Comunhão inclui conversa, intimidade, apreciação, e meditação. Os crentes devem reservar



tempo para comunhão com o Senhor, além de suas devoções diárias com o Pai. Quantos têm este costume, em casa, viajando no trem ou a pé? Os crentes devem procurar a presença do Senhor quando a mente não esteja ocupada com outras coisas necessárias. Se assim fizerem, não hão de confundir as Pessoas do Pai e do Filho nas orações audíveis, chamando o Pai pelo mesmo título do Filho. Em algumas famílias há gêmeos. Confundimo-los constantemente, mas os pais que moram na mesma casa, não cometem tais erros, porque conhecem a diferença dos filhos. O crente deve ser cômico da presença da Pessoa a Quem êle dirige sua oração.

Muitos dos santos, piedosos na Igreja, em tempos passados, costumavam procurar a presença do Senhor Jesus constantemente, como é demonstrado em seus escritos e hinos, tais como S. Agostinho, S. Bernardo, M. Suso e Samuel Rutherford. É bom exercício ler os hinos dirigidos ao Senhor e incluir os sentimentos expressados nêles em nossas orações. Qualquer hino com os pronomes Tu, Ti, ou Teu é oração.

W. Anglin

## A Santa Ceia

Várias vêzes têmos sido interrogado acerca da melhor hora para celebrar a Santa Ceia e se outro dia, além de Domingo, serve, bem como qual a qualidade do pão e vinho.

O presente artigo servirá de resposta a estas perguntas.

Nosso desejo deve ser o de nos conformar com os pormenores dados no Novo Testamento. Quanto aos costumes da Igreja primitiva, dependemos da informação dada pelos historiadores da Igreja.

Quanto à maneira de celebrar a Ceia, o alvo deve ser a simplicidade combinada com a reverência. As Escrituras não falam de qualquer classe especialmente autorizada para «administrar» a Ceia, mas é de acôrdo com o espírito da Palavra de Deus dizer que o irmão que dirige as ações de graças deve ter bom testemunho como crente, combinado com um certo grau de inteligência espiritual. A história nos informa que os anciãos das igrejas locais, no segundo século, começaram a nomear um dêles «presidente» ou «bispo da igreja», e somente esta pessoa administrava a Ceia. Tão depressa as igrejas se desviaram das doutrinas dos apóstolos! A epístola aos Coríntios nos ensina como a Igreja deve proceder. Não menciona bispo, nem presidente, para endireitar a desordem, nem para «presidir» a Ceia. Há muita liberdade na Igreja, mas liberdade não é licença, e deve ser usada com espiritualidade e inteligência.

O dia da celebração na Igreja primitiva era o Domingo, não há dúvida. Este fato é claro segundo Atos 20:7. O apóstolo assistiu à celebração da Ceia, embora o navio tinha-se demorado sete dias em Trôade. A história da Igreja prova também que o Domingo era o dia em que a Igreja se reunia para partir o Pão. Vários dos pais da Igreja escreveram no segundo e terceiro séculos mostrando que era costume reunirem-se aos Domingos, como por exemplo:—

INÁCIO, um companheiro do apóstolo João, que escreveu cerca do ano 100 A.D., diz: «Aquêles que têm a nova fé não mais guardam Sábados, mas vivem segundo o Dia do Senhor». BARNABÉ, que escreveu logo depois, diz: «Nós guardamos o oitavo dia com alegria, no qual dia Jesus resuscitou da morte».

JUSTINO MÁRTIR, escrevendo no



ano 134 A. D. diz: «Nós todos nos reunimos em comum porque é o primeiro dia, e porque no mesmo dia Jesus Cristo nosso Salvador ressuscitou da morte». Em outra ocasião Justino escreveu: «Encontramo-nos no Dia do Senhor para adoração nas cidades e vilas; lemos nos livros dos profetas e das memórias dos apóstolos, tanto quanto o tempo nos permite».

A hora da Ceia tem importância somente para satisfazer a conveniência dos participantes. Traduzimos excertos duma obra prima para mostrar como a hora de celebrar a Ceia mudou gradualmente. Foi escrita pelo Dr. Sanday. «E' sem dúvida que o motivo para a estadia do Apóstolo na cidade de Trôade (Atos 20:7) foi para guardar o Dia do Senhor (nome já corrente na Igreja) e para participar com a Igreja na Ceia do Senhor, como já era chamada naquele tempo.

No primeiro dia da semana. O conselho dado em I Cor. 16:2 é prova clara que a Igreja já começara a observar a festa da Ressurreição no Domingo em vez de no Sábado. Era impossível que os escravos de patrões pagãos se abstivessem do trabalho. No dia de sábado todos se reuniam para partir o Pão depois do pôr do sol. Para os judeus, o sábado terminara às seis horas da tarde, e assim, depois do pôr do sol era o primeiro dia da semana seguinte. E' provável que a hora de «Partir o Pão», gradualmente, tornou-se mais e mais tarde, a fim de deixar os crentes tomar sua refeição da tarde, antes de assistir à reunião. O resultado foi que a eucaristia se retardava até meia noite ou mais; assim era capaz de causar inconveniência e escândalo. A Santa Ceia, então, era celebrada bem de manhã, no primeiro dia da semana, e a Ágape («festa

de amor») mais tarde no mesmo dia. Isto é provado pela célebre carta do governador da Bitínia, Plínio, ao Imperador Trajano. Ele escreveu como os cristãos se reuniam num certo dia para seu «sacramento» de madrugada e, mais uma vez, à tarde, no mesmo dia, para participar de uma simples refeição («ágape»). Plínio escreveu esta carta no ano 96. E' muito interessante e mostra os costumes dos cristãos e o grande número deles, de todas as classes, no primeiro século.

As Escrituras não proibem aos crentes celebrar a Santa Ceia em outros dias e em qualquer hora do dia ou da noite. Às vezes é celebrada à beira do leito dum doente. No segundo século os cristãos reservavam uma parte do pão e do vinho para levar aos doentes, como se os elementos materiais possuíssem virtude. A Igreja Romana desenvolveu este costume, chamando-o «hóstia reservada». Os símbolos, porém, em si mesmos, não têm virtude. Há duas partes na Santa Ceia, a parte espiritual (as ações de graças) e a material (comer o pão e beber o vinho), que não devem ser separadas. Às vezes às pessoas atrasadas, depois das ações de graças, são oferecidos os símbolos, como se tivessem alguma virtude.

A natureza do pão, com ou sem fermento, de farinha de trigo ou de fubá, não tem importância. O cálice deve conter suco de uva. O que é vendido no Brasil chamado vinho, muitas vezes é o suco de cana de açúcar sem conter suco de uva, e deve-se tomar cuidado. O vinho verdadeiro é fácil de obter e vem do Rio Grande do Sul. Dizem que o vinho da Santa Ceia e da Páscoa, no tempo do Senhor, era vinho misturado com água. Os irmãos podem guardar um litro de água, bem adoçada, e misturar com o vinho para a



Ceia, e acharão que aniquila a acidez do vinho brasileiro. E' certamente melhor do que o «vinho» fabricado do suco de cana de açúcar.

O aspecto espiritual é mais importante do que estas minúcias, mas podemos escrever sôbre êsse em outra ocasião.

## *Estudo sôbre a Epístola aos Romanos*

### *Capítulo 12*

O primeiro versículo dêste capítulo explica qual deve ser a resposta do crente a Deus, por Sua grande compaixão para com êle, como manifestada nos capítulos anteriores. É seu dever apresentar seu corpo como sacrifício vivo e aceitável a Ele que salvou sua alma. Tal sacrifício é razoável. É um ATO de consagração. O corpo representa tôdas as atividades de sua vida, todos os membros de seu corpo — seu ser inteiro.

O versículo 2 ensina o processo que deve seguir o ato, a fim de se tornar êste uma realidade prática. Primeiramente diz o que o crente deve desfazer, então o que deve fazer positivamente, para fazer o sacrifício efetivo.

Usemos uma ilustração. Uma senhora rica mostra compaixão de uma moça pobre, ignorante e destituída. Leva-a para sua casa, cercand-a com bondade, e fornecendo-lhe tudo de que precisa; alimento, vestido e conforto. A fim de provar sua gratidão, a moça promete dedicar sua vida ao serviço da senhora, como doméstica. Ela, porém, foi criada em pobreza, ignorância, e falta de asseio. O ato de dedicação valerá pouco, se ela não quizer aprender a agradar a

senhora em todos os pormenores do serviço, aprendendo os novos costumes da casa. Primeiramente ela tem de deixar os velhos hábitos que não convêm na casa da patroa. Assim o crente, depois de render seu corpo e vida a Deus, deve deixar seus velhos costumes, mundanos e carnaís, e aprender e praticar a vida cristã.

Os versículos 3 a 8 exortam os membros do Corpo de Cristo a desenvolver o dom que o Senhor concede a cada um e seguir a vida cristã de acôrdo com sua profissão.

### *Capítulo 13*

Êste capítulo ensina a atitude do cristão para com as autoridades seculares e para com seus próximos.

### *Capítulo 14*

O ensino dêste capítulo tem em vista as dificuldades que possam surgir na Igreja, onde gentios e judeus se congregavam. A ambas as classes é ensinado respeitar a consciência da outra nos costumes praticados pela fé e para agradar ao Senhor. A fé dá valor a um rito; sem fé é pecado.

### *Capítulo 15*

Êste capítulo contém várias exortações e ensina como o crente deve proceder em diversas circunstâncias.

O versículo 26 dá-nos uma indicação quando a carta foi escrita. É geralmente aceito que o lugar foi Corinto quando o Apóstolo Paulo passava de viagem para Jerusalém com as ofertas das igrejas da Macedônia e Acaia.

### *Capítulo 16*

Evidentemente a portadora da carta foi Febe, uma crente da igreja de



Cencreia, pôrto perto de Corinto. Ela era «serva da igreja», isto é, «diacônisa» como dizemos hoje.

A primeira parte do capítulo contém as saudações aos irmãos que moravam em Roma; provavelmente muitos deles mudaram de Corinto e das cidades circunvizinhas para a capital do mundo — Roma, como por exemplo Priscila e Áquila. A segunda parte do capítulo ocupa-se com os nomes dos companheiros do Apóstolo que mandaram as saudações aos irmãos em Roma. Os nomes dados no capítulo são de gregos, judeus e romanos.

Os versículos 17 e 18 são avisos contra os ensinadores que se desviaram das doutrinas ensinadas pelo Apóstolo e outros. Os crentes são exortados a se apartarem dos tais.

Depois de pronunciar a bênção final (v. 24) o Apóstolo acrescenta um post-scriptum para confirmar a fé dos irmãos em Roma no Evangelho que ouviram e nas Santas Escrituras. Depois, termina com uma doxologia.

## O. Modernismo

Em lugar de escrever mais sobre o modernismo, citamos excertos dum livro publicado pela Casa Editôra Presbiteriana (S. Paulo) intitulado «A CIÊNCIA MODERNA E AS ESCRITURAS SAGRADAS». É livro traduzido da língua inglesa e prova a irracionalidade do modernismo.

«Estamos todos mais ou menos familiarizados com o argumento modernista que pretende explicar a Bíblia como simples resultado de tipos diversos de cultura. Alguns dos últimos profetas viveram sob a influência da cultura persa, outros, sob a babilônica, e ainda outros, sob a cal-

daica. O argumento modernista consiste em sustentar que os vários escritores incorporaram, nas respectivas secções das Escrituras que lhes são atribuídas, os conhecimentos aceitos na época em que cada um escreveu. Os livros desses profetas sobreviveram aos seus dias apenas porque coincidiu que as coisas que escreveram eram verdadeiras.

Eis aí teoria fascinante, mas que está prejudicada por dois erros. O primeiro é que ela é falsa. E o segundo é que não há, na teoria inteira, a menor aparência da verdade!

Evidentemente, houve homens que viveram sob culturas diversas. Não registraram, porém, nos livros que lhes trazem os nomes, a ciência contemporânea. Moisés, por exemplo, «era instruído em toda a sabedoria dos egípcios».

Entretanto, é justo que nos orgulhemos da ciência e dos conhecimentos que ele possuía em sua geração. Por meio das maravilhosas descobertas da ciência arqueológica podemos, hoje, ler aqueles mesmos textos em que Moisés e seus contemporâneos estudaram, nas escolas do Egito de então. Essa «ciência» era constituída de magia, não tinha o menor fundamento nos fatos e se formava de algumas das mais bárbaras e incríveis locubrações que o mundo jamais conheceu.

Por exemplo: os egípcios antigos criam que a terra tinha sido chocada de um ovo alado que voou pelo espaço até completar o processo de mitose, surgindo, finalmente, a terra do ovoide voador. Tenha-se agora em mente que Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios. A ciência geológica desse povo resumia-se no que acabamos de expôr. Ora, o próprio capítulo inicial que introduz a secção de Moisés, no Velho Testamento, abre-se com uma decla-



ração a respeito da geologia e outra, acompanhando a apresentação desta ciência, sobre cosmogonia sistemática. A teoria modernista afirma que Moisés escreveu o que aprendeu nas escolas do Egito.

Voltemos, então aos escritos do grande legislador para verificar o que ele nos diz sobre esse ovo alado. Perante a teoria da crítica ficamos algo surpreendidos ao verificar que esse ovo não foi mencionado, uma vez sequer, do princípio ao fim de sua cosmogonia. Em lugar do bárbaro artifício da ignorância antiga, encontramos as nove palavras mais compreensíveis que o homem poderia combinar em uma sentença: «No princípio criou Deus os céus e a terra». A ciência moderna ainda não foi capaz de demonstrar ou de indicar um ponto que entre em divergência com esta máxima de Moisés, que repudia completamente os conhecimentos aceitos em sua geração!

Os egípcios possuíam também uma ciência antropológica. Esta é a ciência que trata do homem, e nela os súditos dos faraós se revelavam ingênuos evolucionistas. Pensavam que o homem tinha sido, originalmente, gerado de certos vermes brancos que se encontravam no lodo deixado pelo Rio Nilo, após a enchente anual. Presumimos que eles teriam presenciado a metamorfose da lagarta em falena ou em borboleta, e fundamentado a sua hipótese evolucionista sobre o fenômeno observado.

Mas, qualquer que seja a hipótese, o fato é que permanece o ponto que nos interessa, a saber, que Moisés «era instruído em toda a sabedoria dos egípcios».

Sendo assim, quando tomou a pena para escrever sobre a origem do homem, de certo que deveria narrar a metamorfose daqueles vermes até

o ser racional, não é verdade? Sim, é verdade.

Com linguagem sublime, que a pena humana jamais superou, desde aquele dia até o presente, Moisés escreveu a respeito de um Deus infinito, inclinando-Se sobre uma esfera finita, para formar, com as próprias mãos, um corpo para o homem. Nesse corpo o Criador Onipotente assoprou o fôlego da vida e a criatura tornou-se alma vivente. Ainda uma vez repetimos que também as conclusões da antropologia mosaica nunca foram refutadas com sucesso por nenhuma escola científica no decorrer desses últimos quatro milênios. E o que temos feito com estas duas ciências a título de ilustração, poderíamos fazer com todas as demais, ensinadas nas escolas do Egito, ao tempo em que Moisés viveu.

Certamente houve escritores que viveram sob a cultura babilônica, sendo Daniel talvez, o mais célebre deles. Daniel, porém, nenhum ensino recebeu dos sábios da Babilônia, mas foram estes que aprenderam dele. Reis e conquistadores estiveram presos à sua palavra e obedeceram-lhe as mais ligeiras sugestões. Um dos livros mais importantes da Bíblia foi escrito pela pena desse homem, que, segundo a teoria crítica, ter-se-ia limitado, exclusivamente, a reproduzir os conhecimentos comuns à sua época.»

#### EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio  
Editor responsável José Ferreira de Andrade